

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

A CINEMATECA COM A MONSTRA

31 de Julho de 2021

TAXANDRIA / 1994

um filme de RAOUL SERVAIS

Realização: Raoul Servais *Argumento:* Frank Daniel, Raoul Servais *a partir de uma ideia de Raoul Servais baseado em Alain Robbe-Grillet* *Fotografia:* Gilberto Azevedo, Walther van den Ende *Som:* Philippe Vandendriessche *Montagem:* Chantal Hymans *Música:* Kim Bullard *Desenho de produção:* François Schuiten, Yvan Bruyère, Hubert Pouille *Direcção Artística:* Suzanne Maes *Guarda-roupa:* Catherine Frogner, Suzanne Van Well *Efeitos especiais:* Gyula Krasnyánszky, Zoltán Pataki *Efeitos visuais:* Ralph Bibó (*coordenação*) *Interpretação:* Armin Mueller-Stahl (Karol / Virgilius), Elliott Spiers (Aimé Perel), Katja Studt (Princesa Ailée), Richard Kattan (Jan), Julien Schoenaerts (Mr, Bronze), Andrew Sachs (André / superintendente), Daniel Emilfork, Cris Campion, Robert Lemaire, etc.

Produção: Iblis Films, Bibó Films, Les Productions Dussart (Bélgica, Alemanha, França, 1994) *Produtores:* Heinz Bivo, Dany Geys, Tarsicius Vanhuysse *Co-produtores:* Bertrand Dussart, Jacqueline Pierreux, Dénes Szekeres, Pros Verbruggen *Cópia:* 35 mm, cor, versão original em inglês, legendada em francês e flamengo e electronicamente em português, 82 minutos *Estreia:* 1994, na Bélgica (Festival de Cinema de Ghent) *Inédito comercialmente em Portugal, Primeira exibição na Cinemateca:* 14 de Outubro de 2015 (“Abi Feijó | Realizador Convidado”).

Sessão apresentada por Fernando Galrito

Raoul Servais é, sabe-se, um dos mais sonantes nomes do cinema de animação europeu contemporâneo, onde começou nos anos 1950, na Bélgica, de onde é originário e onde, em 1963, fundou um departamento de animação pioneiro na Escola de Belas Artes de Gent, a mesma escola em que estudou. Se o desenho e a pintura fazem parte do seu universo criativo de trabalho, foram os seus filmes de animação a divulgá-lo: no cinema, iniciou-se em 8 mm e 9,5 mm, em trabalhos de cariz experimental, ao longo de cerca de uma década, sendo de 1960 o seu primeiro título de animação realizado em 16 mm (HAVENLICHTEN/LUMIÈRES DU PORT). Uns dez filmes depois, HARPYA (1979), distinguido como a melhor curta-metragem em Cannes nesse ano, foi o primeiro em que combinou animação e acção real, que retoma em TAXANDRIA, a sua incursão na longa-metragem.

Se o emprego e a experimentação de técnicas diversas pautam o trabalho de Servais, não menos o marcam a liberdade de perspectiva e as referências da arte contemporânea e das artes plásticas, que designadamente lhe permitem sublinhar contrastes entre personagens e cenários ou, como aqui, confluir na combinação entre acção real e imagens de animação (Servais chegou a “cunhar” o seu próprio método de animação, a “Servaisgrafia”, que implica a fotografia, a colagem e a sua filmagem em cenários). Distanciando-se por conseguinte da tradição da animação clássica, movendo-se entre referências da arte contemporânea, Servais encarou também o cinema de animação como terreno de expressão crítica dos sistemas totalitários, do capitalismo ou dos estragos causados pelo relacionamento humano num quadro social de dominação e hierarquias. Tal é o contexto de TAXANDRIA, narrativamente movido pela fantasia, pelo poder conferido à imaginação em escapar à concreta falta de graça do mundo “real”. No

filme, que se passa à beira mar e onde pululam gaivotas, a ideia da luz vermelha e reflectora do farol como “sinal-feitiço” de passagem de um mundo a outro, é uma inspirada imagem.

Raoul Servais: “Para mim, utilizar a acção real corresponde, desde HARPYA, a uma necessidade, ou antes, a uma tomada de consciência. Já puxara por todos os cordelinhos do desenho animado tradicional: a linha clara – se me é permitida a expressão –, o desenho simplificado ou um pouco mais complexo, o desenho livre e espontâneo como em GOLDFRAME (1969), o desenho com filacteras, a pintura expressionista flamenga dos anos 20 e 30. Já tinha portanto esgotado praticamente todos os meus recursos a esse nível. Porque não penetrar numa terra de ninguém que me permitisse descobrir novos territórios?” Isto lembrado, é preciso dizer também que TAXANDRIA não foi para Servais uma experiência propriamente memorável, no sentido em que a produção lhe “tolheu” os gestos fazendo com que o filme acabado não correspondesse à concepção que o realizador dele tinha, desde logo porque se inverteram as proporções das imagens da animação e das imagens reais (TAXANDRIA “deveria ter sido” um filme de animação que integrasse imagens de acção real e não o inverso).

Na mesma entrevista de 2000 à revista *24 Images*, a palavra a Servais: “Tirando François Schuiten, que foi o meu colaborador favorito e que me apoiou incondicionalmente, estava rodeado de pessoas que não percebiam nada de nada, nem de animação nem do assunto que eu queria tratar: um mundo necessariamente ditatorial onde reina a filosofia do eterno presente. Pensava utilizar o universo de Paul Delvaux justamente por ser um universo congelado. Na minha cabeça, os actores mover-se-iam de um modo quase congelado. Teriam de fazer um esforço considerável para saírem da sua letargia, para efectuarem um movimento. Era o meu objectivo, a utilização retrabalhada, repensada da acção real”. Ganharam os produtores, que não queriam Delvaux, que não queriam os movimentos sacudidos que Servais imaginara para as suas personagens de carne e osso preferindo-lhes um ambiente realista. Que não era o tipo de registo que Servais imaginara e que de facto se estranha perante o que se conhece do seu universo e do seu estilo. Ainda assim, quanto às qualidades reconhecidas pelo realizador: “a mensagem está lá, os desenhos são muito bons, a incrustação é perfeita. Ao nível da tecnologia, estávamos muito avançados para a época.” Foi para TAXANDRIA que Servais criou a Servaisgrafia (utilizada nos cenários), foi neste filme que muito trabalhou as potencialidades digitais (TAXANDRIA terá sido o filme com maior emprego de imagens digitais até TOY STORY). E foi em TAXANDRIA, a partir de uma ideia sua baseada em Alain Robbe-Grillet, que trabalhou com François Schuiten, autor da série *Les Cités Obscures*.

Maria João Madeira